

Caminhos e lugares do Concelho de Câmara de Lobos (35)

A Freguesia da Quinta Grande

III - As capelas da Quinta Grande

Apesar da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios constituir o mais importante símbolo patrimonial da freguesia da Quinta Grande, as suas capelas não deixam de ter algum significado, principalmente se tivermos em conta que esta é uma freguesia de fracos recursos económicos e que durante largos anos foi deixada à sua sorte. Das cinco capelas que é suposto terem sido construídas na Quinta Grande, a Capela da Vera Cruz, a Capela de Santo António e a Capela de Nossa Senhora de Fátima, constituem hoje os únicos exemplares existentes. No tempo ter-se-ão perdido a Capela de Nossa Senhora da Cadeira e a de Nossa Senhora da Porta ou da Virgem Nossa Senhora.

[...] *Chegando a um alto sobre Câmara de Lobos, [João Gonçalves Zarco] traçou ali onde se fizesse uma igreja do Espírito Santo. Passado mais abaixo a umas serras muito altas, ali traçou outra igreja da Vera Cruz e todos estes altos tomou para seus berdeiros.*

In Saudades da Terra

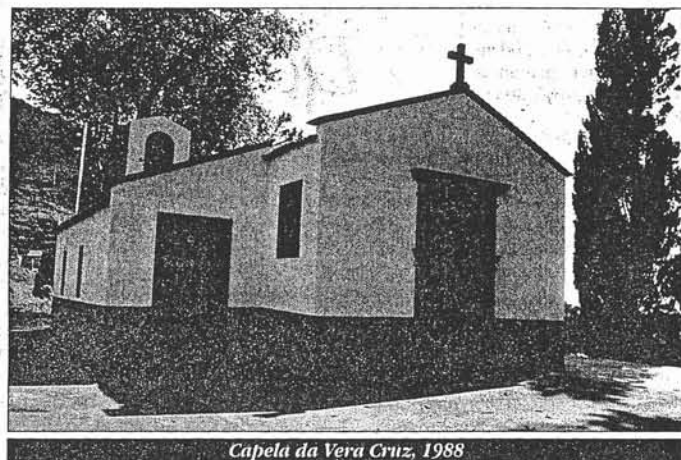
Capela da Vera Cruz

A Capela da Vera Cruz situa-se no sítio da Vera Cruz, extremo oeste da freguesia da Quinta Grande e foi de acordo com os dados disponíveis mandada construir por João Gonçalves Zarco, como de resto dá a entender o autor das *Saudades da Terra*.

Ao longo dos tempos terá sido, no entanto, esta capela sujeita a várias obras de restauro, facto que nos leva

a admitir que pouco ou nada existe da primitiva edificação.

Em 1613, por ocasião de uma *Visitação* é mandada cercar de um muro, mesmo que de pedra tosca afim de evitar que os animais nela entrassem. Noutra *Visitação* realizada no ano de 1689 o *Visitador* recomenda que como havia sido feito antigamente, a capela necessitava de algum reparo afim de evitar que o gado que pastava junto dela não entrasse no seu adro como muitas vezes acontecia. Em 1698, numa outra *Visitação* efectuada, o *Visitador* ordenava e exortava os fregueses para que dessem esmolas no sentido de reparar a ermida da Vera Cruz por ser de muita veneração desde o princípio da ilha e se encontrar muito danifi-



Capela da Vera Cruz, 1988

cada, a cujas esmolas daria início o Vigário com a compra do tabuado e mais madeira necessária.

No século XVIII, segundo uma notícia publicada no *Jornal da Madeira* de 28 de Junho de 1968, esta capela também terá sido objecto de obras de restauro.

Em 1854, de acordo com o Padre Fernando Augusto da Silva, na sua obra *Subsídios para a História da Diocese do Funchal*, terá sido inteiramente reedificada com a finalidade de servir de igreja paroquial, função essa que, no entanto, nunca viria a ter, uma vez que a sede acabaria por ficar instalada na capela de Nossa Senhora dos Remédios, de localização mais central relativamente à freguesia.

Em 1947 segundo as pala-

avras do padre António Rodrigues Ferreira, pároco, na altura, na Quinta Grande, a capela estaria em estado deplorável, motivo porque inicia esforços no sentido do seu restauro que, de acordo com o *Jornal da Madeira* de 5 de Março de 1949, terá ocorrido no decurso de 1949, servindo de sede paroquial, a quando das obras realizadas em 1950, na igreja de Nossa Senhora dos Remédios.

Em 1968 voltou esta capela a ser sede de importantes obras, em virtude de, no dizer de documento presente na Igreja paroquial da Quinta Grande, se encontrar em ruínas, estando a chover-lhe dentro e em muito mau estado. De acordo com o mesmo documento, *abriram-se*

duas pequenas janelas, à maneira do século XVIII na sacristia e, uma outra janela maior a oriente da capela que dá luz do sol para dentro da sacristia logo ao amanhecer. A antiga porta da sacristia ficava por baixo da actual sineira, onde ficou instalado um pequeno armário que serve de vestuário à capela. Também se colocou na frontaria da capela um beiral em cantaria pois este beiral era simplesmente em cal. O pórtico principal foi restaurado visto estar muito danificada a cantaria fraca, tirada bem próxima da capela, pois existiu ali perto restos de pedra da mesma cor. A sineira ficou tal qual era antigamente, somente subiu mais um pouco para fazer simetria com a janela que lhe fica debaixo. Foi

acrescentado o lambris de azulejos e o pavimento em porcelana, bem como o ambão, altar e toda a cantaria de junto ao altar. A talha foi restaurada apenas ficando como era primitivamente [...].

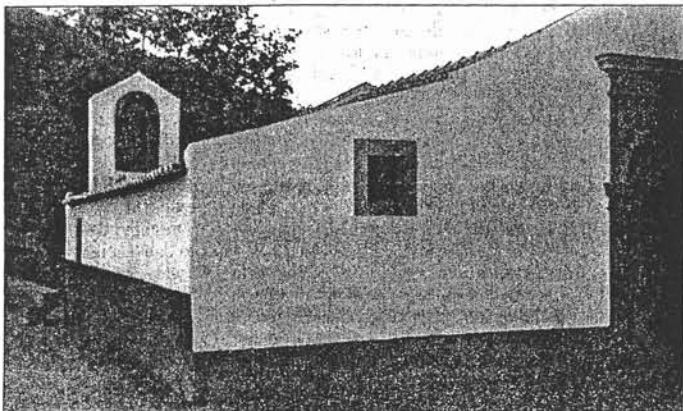
No dia 27 de Junho de 1968 estando concluídas estas obras, foi a capela alvo de bênção solene, presidida pelo Bispo D. João António da Silva Saraiva.

Nesta capela realiza-se anualmente, no dia 3 de Maio se for domingo, ou no domingo seguinte se não o for, a festividade em honra do seu orago.

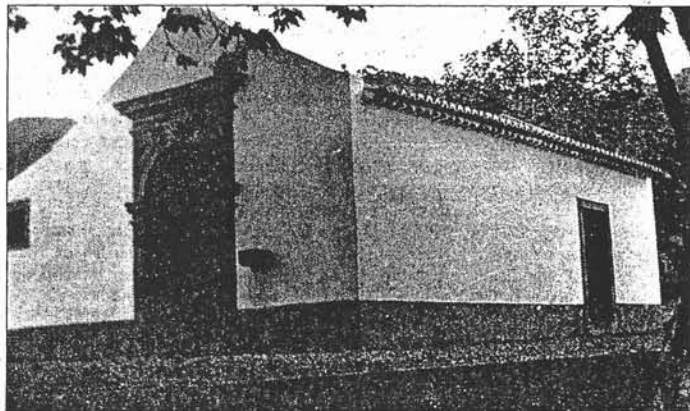
Capela de Santo António

Situa-se na Quinta do Pomar, no sítio da Quinta e foi mandada construir pelo padre António Silvino Gonçalves de Andrade. A sua construção ocorreu em 1883, numa altura em que o padre Silvino era pároco colado da paróquia de São Sebastião, em Câmara de Lobos e a bênção teve lugar a 4 de Setembro de 1884.

No dia 20 de Julho de 1996, contudo, um incêndio destruiu-a completamente, bem como ao solar onde estava implantada, sendo desejo dos seus actuais proprietários, a sua reedificação e transformação do solar numa instância de turismo de habitação.



Capela da Vera Cruz, início dos anos 60



Por morte do padre António Silvino Gonçalves de Andrade, ocorrida a 3 de Março de 1902, passou a capela e solar para a posse de sua sobrinha-neta Ilda Celeste Gonçalves Prado de Almada, filha de D. Caetana Nicolina Gonçalves de Andrade e do major Guilherme Quintino Pinto Prado. Por sua morte, deixa a capela a seu filho, o Dr. Manuel Prado de Almada, que tendo falecido solteiro e sem geração a viria a transmitir, a sua irmã Maria Prado Almada Cardoso, viúva do Dr. Agostinho Gabriel de Jesus Cardoso. Desde Dezembro de 1996, é a capela propriedade de dois dos filhos de D. Maria Prado Almada Cardoso, o Dr. António João Prado Almada Cardoso e a Dra. Teresa Maria Prado Almada Cardoso Perry Vidal.

Capela de N. S. de Fátima

Situa-se no Pico do Galo, nas proximidades do Cabo Girão, no limite entre as freguesias da Quinta Grande e Câmara de Lobos. A sua construção foi iniciada em finais de 1974, em substituição de uma outra com a mesma invocação, mandada erigir, em 1931 pelo padre Agostinho Abreu Vieira e sagrada a 11 de Outubro desse mesmo ano, por D. António Manuel Pereira Ribeiro, num acto a que terão assistido cerca de quatro mil pessoas, número que foi suplantado nos dois dias seguintes.

Natural de Câmara de Lobos e, na altura, missionário no Cabo Verde, estando o Padre Agostinho Abreu Vieira, de licença em Portugal, visita em Abril de 1931 a Cova da Iria, em Fátima e perante a Virgem Maria, promete erigir-lhe uma ermida com sua invocação, no Cabo Girão, caso a revolta que então se estava a verificar na Madeira, terminasse sem grandes estragos materiais ou morticínios. Alcançada a graça, os trabalhos inerentes à sua construção têm lugar a 5 de Agosto, ficando concluída a 5 de Outubro de 1931.

Depois de benzida, passou a capela a constituir um centro de importantes peregrinações não só por parte das populações limítrofes mas também de outros pontos da ilha da Madeira que ali se deslocavam em excursões. Men-

salmente, nos dias 12 e 13 passaram a realizarem-se diversos actos de culto, que mobilizavam sempre milhares de peregrinos e chegou mesmo a ser publicado, em 1933, um folheto denominado Fátima Madeirense, o que reflecte o desejo do seu promotor em fazer daquele local um centro de culto similar ao da Cova da Iria.

Em 1933 o prelado diocesano, apoiante ao que parece incondicional desta iniciativa, chegou mesmo a dar licença para a construção, no local, de uma igreja em louvor de Nossa Senhora de Fátima e a exprimir o desejo na criação de uma nova freguesia que passaria a denominar-se de freguesia de Nossa Senhora de Fátima, situação reveladora da importância que esta devoção alcançou na Madeira.

A onda de peregrinações que se gerou em seu redor, associada à devoção a Nossa Senhora de Fátima, cedo originou por parte dos opositores à igreja católica alguma contestação, até porque também cedo se terão registado indícios de se procurar associar a este santuário dons milagreiros, além de que criou alguns desentendimentos ou mal estar entre o próprio clero, nomeadamente, por parte dos responsáveis pelas paróquias vizinhas, que para além de se sentirem à margem de toda esta iniciativa, eram ainda confrontados com a debandada mensal dos fieis desde as suas paróquias para o novo santuário.

Ainda que desde a sua bênção e na ausência do seu fundador, tivesse ficado a capela sob a protecção e responsabilidade do prelado diocesano que, em 1932, chama mesmo a si a sua direcção espiritual, para transformá-la num santuário diocesano, a verdade é que



Capela de Santo António, 1993



Capela de Santo António, em dia de festa

problemas de alguma gravidade cedo a assombraram e estiveram na origem do seu encerramento prematuro. Com efeito, em 1934, mais precisamente no decurso do mês de Março, surge a notícia de que a ermida de Fátima, havia sido encerrada ao culto pela autoridade diocesana. Era o fim de um projecto ambicioso e nem os abaxo-assinados, entretanto efectuados, para a sua reabertura foram suficientes para demover o então res-

ponsável pela diocese na sua posição, o que deixa antever a existência de problemas insolúveis ou demasiado delicados. Depois de cerca de vinte de anos sem culto, em finais dos anos 50 a capela de Nossa Senhora de Fátima volta a abrir a suas portas, desta vez já sob a jurisdição da paróquia de São Sebastião de Câmara de Lobos, situação que terá assim permanecido até 31 de Dezembro de 1960. Depois desta data, devido

sendo também igualmente conhecido como da Cadeirinha, facto que atesta a sua importância. O Coronel Sarmento na sua obra Freguesias da Madeira assinala-a mas com a denominação de capela da Cadeira, denominação desconhecida na Quinta Grande. Henrique Henriques de Noronha, nas suas Memórias Seculares e Eclesiásticas escritas no ano de 1722 não faz qualquer referência a esta capela, o que nos leva a admitir que ela tenha sido construída mais tarde, ou então tivesse importância reduzida.

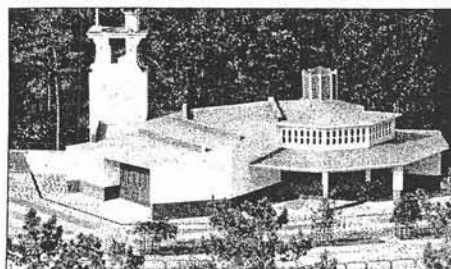
Capela de N. S. da Porta

A mesma situação aliás, se verifica relativamente à capela dedicada a Nossa Senhora da Porta, referida por David Ferreira Gouveia no seu artigo *A Quintaã... Século XVI*, publicado na Revista Girão nº11, correspondente ao 2º semestre de 1993, como tendo sido construída pelos jesuítas, em 1601, à entrada da quinta, provavelmente da sua residência na Quinta Grande. Desta capela, se existiu, não restam quaisquer vestígios para além a toponímia do lugar da Porta, situada no sítio da Quinta. Relativamente a esta capela, o *Elucidário Madeirense* refere-a como situada na Ponta da Quinta e não na Porta da Quinta, denominação esta, porque é conhecida hoje e, adiante a que a sua invocação é a Virgem Nossa Senhora, sendo omissa, relativamente tanto à data da sua construção, como do seu edificador. ■

Manuel Pedro Freitas

www.geocities.com/TheTropics/Paradise/4273/

Bibliografia:
GOUVEIA, David-Ferreira. *A Quintaã. Século XVI*. Girão - Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos, Vol.1, nº11, 2º semestre/93, pág. 547-559.
NÓBREGA, Manuel. *Anais da Quinta Grande*. Girão - Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos, Vol.1, nº3, 4 e 5.
FREITAS, M. Pedro. *Pico do Galo e Capela de Nossa Senhora de Fátima*. Jornal da Madeira, 8 de Fevereiro de 1998.
FREITAS, M. Pedro. *Benção da capela de Santo António na freguesia da Quinta Grande*. Girão - Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos, Vol.1, nº 10, 1º Semestre de 1993, 511-512.



Capela de Nossa Senhora de Fátima, 1997



Pe. A. Silvino G. Andrade



Pe. Agostinho A. Vieira